
PERCEPÇÃO DA CIDADE: O OLHAR DE PROFESSORES E ALUNOS DE GEOGRAFIA

Tailson Francisco Soares da **SILVA**

Graduado em Geografia pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Piauí- UFPI.

E-mail: tailson.geografia@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8670972070558240>

Francisco Gomes **RIBEIRO FILHO**

Mestre em Geografia. Professor do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí-UESPI e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI).

E-mail: gomesgeografo@ig.com.br

<http://lattes.cnpq.br/9959216263401526>

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar como professores e alunos de duas turmas do 9º ano do ensino fundamental, sob a mediação do ensino de Geografia, percebem a cidade à medida que se servem das abordagens realizadas nessa disciplina. As turmas que representaram a amostra para o desenvolvimento dessa análise pertencem à Escola Municipal Professor Antilhon Ribeiro Soares, em Teresina-PI. A leitura e a reflexão a respeito de obras relacionadas ao tema em questão tomaram como referências, entre outros, teóricos como Carlos (1997), Cavalcanti (2001), Claval (2001), Merleau-Ponty (1999), Oliveira (1977), Santos (1994), e Tuan (1980). A etnografia e a fenomenologia representam os métodos de investigação científica que fundamentam o presente trabalho. A pesquisa foi realizada em quatro etapas, de tal sorte que se pudesse buscar a essência das relações entre a teoria e a prática. Através dessa investigação foi possível constatar que os professores mostram certa deficiência de domínio em relação à temática “percepção da cidade”, necessitando-se, assim, de um estudo mais aprofundado. Analisando as representações e as impressões dos alunos, percebeu-se também que os mesmos não compreendem a cidade além do que os seus olhos conseguem identificar, pois perceber é sentir, é vivenciar, é experimentar. Por fim, chegamos à conclusão, por meio deste estudo, de que o professor pode influenciar favoravelmente no comportamento perceptivo do aluno, quando ele se preocupa em utilizar uma linguagem acessível ao estudante, próxima da sua linguagem habitual do cotidiano.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Observação. Percepção da cidade.

PERCEPTION OF THE CITY: THE LOOK OF TEACHERS AND STUDENTS OF GEOGRAPHY

Abstract: This research is a study on the perception of the city. Its overall goal is analyze how teachers and students from two classes of 9th grade level of middle school, under the mediation of Geography teaching, perceive the city as they serve the approaches taken in this discipline. The classes representing the sample to the development of this analysis belong to the Municipal School Teacher

Antilhon Ribeiro Soares in Teresina-PI. Reading and reflection on works related to the subject matter took as references, among others, theorists such as Carlos (2005), Cavalcanti (2001), Claval (1999), Merleau-Ponty (1999), Oliveira (1977), Santos (1988), and Tuan (1980). Ethnography and phenomenology represent the methods of scientific research underlying the present work. The survey was conducted in four steps, in such a way that you could get the gist of the relationship between theory and practice. Through this research it was established that teachers show some deficiency in relation to the thematic area “perception of the city”, thus necessitating, for further study. Analyzing the representations and the impressions of the students, it was noticed that they also do not understand the city beyond what their eyes can identify because realize is to feel, is to live, is to experience. Finally, we come to the conclusion, through this study, that the teacher can favorably influence the perceptual behavior of the student, when he bothers to use a language accessible to students, close to its usual language of everyday life.

Keywords: Geography teaching. Observation. Perception of the city.

PERCEPCIÓN DE LA CIUDAD: LA MIRADA DE LOS MAESTROS Y ESTUDIANTES DE GEOGRAFÍA

Resumen: Este trabajo tiene por objetivo analizar cómo los profesores y los alumnos de dos clases del 9º año de la enseñanza primaria, bajo la mediación de la enseñanza de la Geografía, notan la ciudad a proporción que si sirven de las abordajes realizadas en esa asignatura. Las clases que representaran a amuestra para el desarrollo de este estudio pertenecen a la Escuela Municipal Maestro Antilhon Ribeiro Soares, en Teresina- PI. La lectura y la reflexión a respecto de obras relacionadas con el tema en cuestión se ha tomado como referencias, entre otros, teóricos como Carlos (2005), Cavalcanti (2001), Claval (1999), Merleau-Ponty (1999), Oliveira (1977), Santos (1998), y Tuan (1980). La etnografía y la fenomenología representan los métodos de la investigación científica que sustenta el presente trabajo. La pesquisa fue llevada a cabo en cuatro etapas, de tal suerte que si pudiera buscar la esencia de las relaciones entre la teoría y la práctica. A través de esa investigación fue posible constatar que los profesores exhiben cierta deficiencia de dominio en relación con la temática “percepción de la ciudad”, necesitando-se así, de un estudio más profundizado. Analizando las representaciones y las impresiones de los alumnos se observó también que los mismos no comprenden la ciudad allá del que los suyos ojos consiguen identificar, pues percibir es sentir, es vivenciar, es experimentar. Por fin, llegamos a la conclusión, por medio de este estudio, de que el profesor puede influenciar favorablemente en el comportamiento perceptivo del alumno, cuando ello se preocupa en utilizar una lenguaje accesible al estudiante, próximo de suya lenguaje habitual del cotidiano.

Palabras-chave: Enseño de Geografía. Observación. Percepción de la ciudad.

INTRODUZINDO O TEMA EM QUESTÃO

O presente trabalho advém de observações e análises desenvolvidas durante a nossa vida acadêmica, envolvendo situações vinculadas ao processo teórico e prático de estudos científicos, bem como de aulas por nós ministradas no ensino fundamental, relacionadas a certas dificuldades, no que tange à temática percepção da cidade no ensino de Geografia, manifestadas por professores e alunos, na prática escolar, principalmente quando esse ensino exige reflexão acerca dos acontecimentos cotidianos representativos do lugar e do mundo.

A produção do conhecimento não se circunscreve apenas à sala de aula, no instante em que também abarca outros modelos, situações ou contextos de aprendizagem. A análise

espacial contribui para a informação emitida pela cidade. Seus significados estão carregados de interesses, às vezes não somente para a sociedade local, havendo controvérsias no volume de informações produzidas na e pela cidade. Além disso, a percepção, por suas características próprias, promove um instante de análise sigmática, ressaltando formas, cores, odores, e contrastes prolongados.

Versar sobre essa temática, percepção da cidade como objeto de pesquisa, leva-nos a uma reflexão acerca da importância desse fenômeno no processo de ensino e aprendizagem de uma instituição escolar, sobretudo porque esse tipo de abordagem vem se fazendo cada vez mais presente nas grandes discussões do campo científico, seja na área da Geografia, da Educação, da Psicologia, entre outras ciências relacionadas.

Para Tuan (1980, p. 4), “[...] Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados [...]”. Por tudo isso, tratar da temática “cidade” em sala de aula, no que se refere à percepção, é abordar um tema que, além de acreditarmos ser relevante dentro de qualquer proposta pedagógica, em especial de ensino de Geografia, está profundamente associado à realidade cotidiana dos alunos, seja como espaço vivido, seja por abarcar um espaço de relações, fazendo com que, em qualquer caso, o espaço urbano venha a ser uma referência que sirva de fundamento para formar a opinião do aluno, bem como situá-lo no mundo.

Nessas condições, entendemos ser coerente produzir essa investigação científica sobre a percepção da cidade manifestada por alunos e professores de duas turmas do 9º ano do ensino fundamental no ensino de Geografia, na Escola Municipal Professor Antilhon Ribeiro Soares – EMPARS, em Teresina–PI, de tal sorte que seja possível contribuir para a realização de uma educação que habilite o aluno a aumentar o seu grau de consciência e poder de interferência sobre a sua realidade. Segundo Lynch (1980, p. 2), “a cidade existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir”. Nesse sentido, a cidade é um objeto da percepção de seus habitantes.

É muito importante que o processo de ensino e aprendizagem de Geografia seja focado em objetivos que enfatizem a relação entre o conhecimento e a realidade do mundo em que vivemos, levando sempre em consideração a busca de uma aprendizagem significativa de conteúdos relevantes para o aluno.

A PERCEPÇÃO, A CIDADE E A PERCEPÇÃO DA CIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A Geografia da Percepção e do Comportamento tem início no século XX, e assume maior dimensão a partir do início da década de 1970, quando é instalada uma crise na Geografia Tradicional, refletindo com isso a necessidade de buscar novos rumos, novas propostas e maior liberdade de reflexão e criação (MORAES, 1990).

Assim, a Geografia da Percepção procura compreender a organização do espaço, considerando-se a subjetividade humana, adquirindo a ideia de “espaço vivenciado”, em que o homem busca consciência em relação ao meio e à compreensão das reações humanas frente às condições da natureza, apresentando, ainda, a possibilidade de haver diferentes espaços, pessoais e grupais, vivenciados por meio de construções materiais e simbólicas.

Já as contribuições dos estudos de percepção no Brasil, para o ensino da Geografia, são muito marcadas pelas ideias do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (principalmente as referentes à percepção ambiental), tendo como disseminadora dessas ideias, no Brasil, a geógrafa Livia de Oliveira. Em um de seus estudos, tendo como base a obra de Jean Piaget, ela discute e enfatiza o mapa como instrumento de representação do espaço geográfico, e afirma que a construção do espaço é solidária com as outras construções cognitivas, portanto, dificuldades em representar refletem dificuldades de percepção.

Acredita-se que cada pessoa percebe, reage e responde de maneira diferente em relação às suas ações sobre o meio. Nesses termos, as respostas ou manifestações são resultados das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada indivíduo.

É nesse sentido que propõe-se como situação-problema nesta pesquisa o estudo da percepção da cidade, buscando interpretar como os alunos percebem a cidade vivida, considerando-se que o homem estabelece suas interações com o mundo, em sua dimensão mais ampla, a partir das que ele tem em relação ao meio onde vive. “Perceber não é senão traduzir um objeto de percepção em um julgamento de percepção, ou melhor, é interpor uma camada interpretativa entre a consciência e o que é percebido” (SANTAELLA, 1983, p. 51).

Todo ser humano tem uma relação própria com a cidade que o cerca, e cada um a percebe de maneira diferente, de forma singular. Para Cavalcanti (2001, p. 20), “A tensão entre o global e o local é que vai definindo a configuração das diferentes culturas.” Oliveira (1977, p. 62) considera que “quando se preocupa com a percepção espacial é preciso não confundir ver com perceber”. Tais diferenças estão ligadas com a percepção que cada um

construiu em relação ao meio, que envolve ainda a percepção em relação à sociedade, ao trabalho, à natureza e aos próprios homens, fazendo com que o espaço de experiência apresente diferentes significados e provoque diferentes reflexões. Santos (1994, p. 28) enfatiza, considerando-se os fundamentos epistemológicos da Geografia, que

[...] O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho [...].

Através desta conceituação, percebe-se a importância que Santos atribui à natureza e à sociedade na constituição espacial. Assim, deve-se pensar que não existe espaço sem tempo nem tempo sem espaço. O espaço geográfico atual é o espaço onde a vida humana tem um papel fundamental e onde os seres humanos se relacionam, por isso, torna-se necessário percebê-lo e interpretá-lo, com a finalidade de melhor compreender as relações que nele se desenvolvem, bem como os processos de percepção individual de cada ser humano. Nesse sentido,

O professor, com esses elementos para debates, poderá inserir o aluno na discussão espacial, levando em conta a importância que tem o conhecimento local do espaço para o entendimento deste com o todo. E valorizando as experiências de vida do cidadão-aluno com o espaço (TEIXEIRA; NOGUEIRA, 1999, p. 15).

Como aponta Pontuschka (2007), nossa educação escolar é fragmentada em gavetas do conhecimento, porém, cabe ao professor vincular a todo instante a sua disciplina e os conteúdos pré-estabelecidos com a realidade vivida e percebida pelos alunos. Pensando assim,

É fundamental ver o aluno como um ser social e político, sujeito do seu próprio desenvolvimento. O professor não precisa mudar suas técnicas, seus métodos de trabalho; precisa, isto sim, ver o aluno como alguém capaz de estabelecer uma relação cognitiva e afetiva com o meio circundante, mantendo uma ação interativa capaz de uma transformação libertadora, que propicie uma vivência com a realidade pessoal e social que o envolve (SANTANNA, 1995, p. 26-27).

É interessante que um número maior de docentes (de maneira coletiva) possa construir um conjunto de iniciativas, de embasamento teórico e prático que lhes ofereça, especialmente aos professores de Geografia, ferramentas que lhes possibilitem transformações sociais no ensino e na aprendizagem.

Oliveira (1977, p. 62) considera que “quando se preocupa com a percepção espacial é preciso não confundir ver com perceber”. Como também afirma Claval (2001, p. 53), “É necessário conhecer a lógica profunda das ideias, das ideologias ou das religiões para

perceber como elas modelam as experiências que as pessoas têm do mundo e como influem sobre sua ação”.

A lida com um ensino e uma aprendizagem que se fundamentem no respeito à ideia de “cultura viva”, tornando esse trabalho significativo, deve não apenas primar por preocupações com conteúdos específicos da Geografia, mas com posturas e comportamentos que ajudem a superar as limitações da observação e da mensuração. Precisam-se desconstruir alguns modelos tradicionais e propor uma nova configuração, mais dinâmica tanto no tocante ao espaço como com respeito àquilo que se refere ao tempo. Pois “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo, sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3).

Dessa forma, cabe ao professor a difícil missão de guiar o aluno por esse mundo de sensações. Então, pelo que se pode perceber, a compreensão da temática “percepção da cidade” é de suma importância para desenvolver, nos estudantes, experiências educativas capazes de ensinar a ler, interpretar, ver, ouvir, sentir a cidade em que existimos. Sobretudo percebê-la como um processo em constituição, portanto, em movimento.

O professor pode influenciar nesse comportamento utilizando uma linguagem acessível ao estudante, próxima da sua linguagem habitual. Nesse contexto, muitas perspectivas de análise têm sido propostas para compreender as intensas transformações do espaço geográfico, bem como para orientar o trabalho de educação geográfica na escola, o que é tão necessário à formação para a cidadania crítica.

METODOLOGIA DA PESQUISA

As leituras etnográfica e fenomenológica representam os métodos de investigação científica norteadores da presente investigação, sob a justificativa de que esta pesquisa buscou levantar o maior número de dados possíveis, principalmente por meio de observações e descrições específicas, do universo pesquisado. De acordo com Eisman et al. (1997, p. 258), o método etnográfico,

“é um modo de investigar naturalista, baseado na investigação, descritivo, contextual, aberto e profundo. O objetivo da etnografia é combinar o ponto de vista do observador interno com externo e descrever e interpretar a cultura”.

Para André (1995, p. 41), “por meio de técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas intensivas é possível documentar o não-documentado, isto é,

desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia a dia da prática escolar [...].” De acordo com Wilcox (1993, p. 95), o processo de investigação implica:

[...] aceder, manter e desenvolver uma relação com as pessoas geradoras de dados. Essa atividade exige certas habilidades e recursos; empregar uma variedade de técnicas para coletar o maior número de dados e/ou informações, aspecto que redundará na validade e confiabilidade do estudo; permanecer no campo o tempo suficiente para assegurar uma interpretação correta dos fatos observados e discriminar o que é regular e/ou irregular; utilizar teorias e conhecimentos para guiar e informar as próprias observações do que viu ou ouviu, redefinir o tema e depurar o processo do estudo.

Considera-se também de grande valia, para as análises aqui desenvolvidas, as contribuições da fenomenologia. A fenomenologia é o campo de análise da essência dos fenômenos, tanto materiais (naturais), quanto imateriais (culturais, ideais). Dessa forma, a Geografia da Percepção, baseando-se na fenomenologia e na semiótica, estuda a organização do espaço através da ótica da percepção, da vivência do cotidiano, da significação dos símbolos. A fenomenologia, segundo Bochenski (1968, p. 38), “foi um movimento filosófico que permitiu a ruptura com o século XIX e a construção da filosofia contemporânea”.

A leitura e a reflexão a respeito de obras relacionadas ao tema em questão tomaram como referências, entre outros, teóricos como Carlos (1997), Cavalcanti (2001), Claval (2001), Merleau-Ponty (1999), Oliveira (1977), Santos (1994), e Tuan (1980).

Quanto à coleta de dados em campo, considerando-se que a observação é a técnica chave dessa metodologia, a pesquisa foi realizada em quatro etapas, de tal modo que se pudesse buscar a essência das relações entre a teoria e a prática. Em um primeiro momento procurou-se conviver com os docentes e discentes relacionados ao ensino de Geografia da escola em questão, utilizando-se para isso um diário de bordo, visando às possíveis observações e percepções apreendidas durante o desdobramento das ações de pesquisa em sala de aula norteadas pelos métodos já identificados, com a finalidade de melhor conhecer o estilo de vida ou a cultura específica do universo pesquisado.

Em um segundo momento, realizamos uma sondagem acerca dos conhecimentos prévios da turma em relação ao tema objeto deste estudo. Para isso, além da atividade escrita, utilizou-se um quadro de observação, visando identificar o significado e a importância do tema na vida dos alunos e dos professores.

A terceira fase foi representada pela elaboração de uma variedade de técnicas vinculadas às ações e posturas de observações, descrições, entrevistas, formulários, questionários etc., tudo isso com o fito de coletar um maior número de dados ou informações

acerca do tema pesquisado, o que nos possibilitou uma maior aproximação em relação ao objeto de estudo, assim como uma maior confiabilidade nos resultados da pesquisa.

Na quarta e última etapa, foram realizadas atividades que possibilitassem aos alunos descrever e representar as formas como eles percebem a cidade. De posse dos dados coletados em campo, fez-se as devidas análises relacionadas à identificação da cultura de percepção da cidade por parte daqueles que compõem o referido ambiente de ensino.

Por fim, buscou-se fazer algumas considerações almejando estabelecer relações entre as discussões teóricas e os dados da pesquisa. Deixamos bem claro também a nossa percepção quanto à contribuição que as pesquisas nesta área podem trazer para o ensino de geografia e para a melhor qualidade de vida de todos, tendo como base a realidade de cada sujeito.

OBSERVANDO, DESCREVENDO E CONHECENDO O ESPAÇO PESQUISADO

Como já mencionado, a pesquisa foi realizada na EMPARS, localizada na Zona Sul da cidade de Teresina-PI, nas turmas dos 9º ano “A” e “B” do ensino fundamental, nos turnos da manhã e da tarde, correspondendo, portanto, a um total de duas turmas, cada uma delas com uma média de trinta (30) alunos. Visando fortalecer a relação entre teoria e prática, a partir do princípio metodológico de que o desenvolvimento de competências profissionais implica em utilizar conhecimentos adquiridos, quer na vida acadêmica quer na vida pessoal, o presente trabalho constitui-se em um importante instrumento de busca acerca do conhecimento relacionado ao processo de integração do aluno na realidade social em que está inserido.

Em relação à estrutura física da escola, a mesma conta com 21 dependências, assim distribuídas: 12 (doze) salas de aula funcionando nos dois turnos (manhã e tarde), atendendo a 320 alunos, aproximadamente. A escola possui 01 Diretoria, 01 Secretaria, 01 Cantina, 01 Depósito (almoxarifado), 01 Biblioteca, 01 Sala de Professores (sem banheiro), 01 Laboratório de Ciências Naturais (espaço físico que, durante nossas observações, encontrava-se inapropriado para a prática escolar), 02 banheiros para alunos (masculino/feminino). Possui também uma quadra de esportes para a prática de Educação Física, além de áreas com espaços para lazer, recreação e distribuição da merenda (Fotografias 1 e 2).

Fotografia 1 – Foto da quadra de esportes



Fotografia 2 – Praça em frente à escola.



Fonte: Pesquisa direta, Maio/2013

De forma geral, a escola possui a infraestrutura mínima necessária para seu funcionamento. Ela ocupa apenas uma pequena parte do quarteirão onde se localiza, no Bairro Lourival Parente, conforme pode ser evidenciado por meio das (Fotografias 3 e 4).

Fotografia 3 – Quarteirão em que está localizada a escola.



Fotografia 4 – Parte frontal da escola



Fonte: Pesquisa direta, Maio/2013

A escola em questão foi fundada no ano de 1980, criada por reivindicação da comunidade local. Ela possui o nome de um professor de renome da época, Antilhon Ribeiro Soares. Em suas áreas circunvizinhas há uma igreja, uma padaria, uma quadra de esportes, algumas casas comerciais variadas, alguns bares, algumas churrascarias, algumas lanchonetes, uma farmácia, e muitas residências.

A maioria dos alunos matriculados é oriunda do próprio bairro e os demais são de comunidades bastante afastadas do local onde se encontra a escola. A situação da renda média das famílias dos alunos dessa escola caracteriza-se como de baixa à média renda. Muitos são filhos de trabalhadores do comércio, autônomos, subempregados e até desempregados. O quadro de funcionários está composto por 39 pessoas, distribuídas em diversas funções. Todos os professores são detentores de curso superior e alguns já são especialistas em suas respectivas áreas.

Posteriormente, atendendo ao desenvolvimento das etapas da nossa pesquisa, e com o propósito de investigar a percepção dos professores em relação à cidade, como eles interagem com esse conteúdo e como possibilitam discussões mais aprofundadas e específicas acerca dessa temática, fizemos alguns questionamentos.

Entre as questões aplicadas, algumas delas requisitaram análises mais apuradas à luz da teoria, dos objetivos e da problemática intrínsecos ao contexto desta pesquisa. Participaram diretamente da pesquisa um professor e uma professora das turmas do 9º ano A e B, turnos manhã e tarde, em dias e horários diferentes. Esses professores lecionam há vários anos.

É necessário considerarmos, antecipadamente, que não se fez qualquer modificação ou alteração do aspecto gramatical dos eventuais problemas contidos no uso da norma culta (acentuação, regência, concordância...) por parte dos professores. As respostas dos professores estarão entre aspas. Procuramos saber quais os aspectos da percepção pessoal dos professores, em relação a sua cidade, que eles utilizam em sala de aula. Para isso, fez-se o seguinte questionamento: Quais os aspectos da sua percepção pessoal acerca da sua cidade que você utiliza como elemento favorecedor do ensino e da aprendizagem em Geografia?

Professor A

“A história da mesma, os aspectos naturais como o clima, o solo, a vegetação, a hidrografia entre outros. Aspectos econômicos e políticos, além das características culturais”.

Professor B

“Socioeconômica, cultural, político, ambiental, físico e humano”.

Nessa ótica, o olhar perceptivo da cidade, por parte dos professores, é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem, pois torna-se necessário incorporar, portanto, a realidade local, no caso a cidade, fornecendo elementos importantes para obter um enriquecimento didático-pedagógico que permita ao estudante analisar a própria realidade, superando o senso comum e reconhecendo a história do meio em que vive como sua própria história.

Nessas condições, o pensamento evidenciado pelos professores nos faz encontrar fundamentos nos estudos de Tuan (1980), que afirma que o ser humano percebe o mundo a partir de si mesmo, ou seja, têm o egocentrismo arraigado inconscientemente.

Questionou-se aos professores também o seguinte: metodologicamente, nas abordagens do tema “cidade”, você considera a percepção própria dos seus alunos acerca da cidade onde eles vivem? Caso afirmativo, descreva a metodologia empregada.

Professor A

“Sim. Através dos seus próprios conhecimentos prévios, elaboramos os conceitos e as características do tema estudado”.

Professor B

“Sim, por meio dos conhecimentos prévios dos alunos e da descrição de lugares e paisagens próprias do seu cotidiano e das suas vivências”.

Pode-se observar que os professores responderam à pergunta de forma afirmativa, ou seja, eles levam em consideração os conhecimentos prévios dos alunos. Essa análise, de como o educando compreende o seu espaço de vivência, pressupõe uma metodologia que possa, de forma mais efetiva, dar conta de vários fatores que se interpõem no espaço geográfico (sociais, econômicos e políticos) e, principalmente, na forma como se manifesta o conhecimento subjetivo do aluno, uma vez que a percepção dele está sujeita às marcas do aprendizado cultural e do imaginário pessoal e coletivo.

Dessa forma, uma proposta de Geografia que analisa o espaço de vivência do educando contribui de forma mais eficaz para o ensino desta ciência. Como afirma Claval (2001, p. 53), “É necessário conhecer a lógica profunda das idéias, das ideologias ou das religiões para perceber como elas modelam as experiências que as pessoas têm do mundo e como influem sobre sua ação”. Na mesma linha de raciocínio afirma Francischett (2002, p.

36), “para tornar o estudante sujeito da história é preciso possibilitar oportunidades de interação entre o saber formal e o saber vivenciado por ele no cotidiano”.

Esse cenário fortalece ainda mais em nós o sentimento de, também por esses motivos, incorporar, cada vez mais, no ensino de Geografia, a realidade local, no caso a cidade e seus contrassensos, fornecendo elementos importantes para obter um enriquecimento didático-pedagógico que possa permitir ao estudante oportunidades de pensar e estudar a sua própria realidade.

PERCEPÇÃO DA CIDADE: O PONTO DE VISTA DOS ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ao realizar o estágio de regência de sala de aula, no 9º ano do ensino fundamental na EMPARS, em Teresina-PI, ao longo do ano de 2012, percebeu-se a dificuldade dos alunos em compreender a dinâmica própria da cidade. Instigados pela dúvida de como utilizar a percepção dos alunos em aulas de Geografia, no que se refere à temática “cidade”, de modo que se pudesse ajudar a desenvolver a postura crítica a respeito do meio onde eles vivem, partiu-se para a pesquisa com o intuito de nos aproximarmos das soluções para o problema motivador desta investigação. Os discentes são a base da construção do conhecimento na escola, e é por meio deles que o processo educativo existe.

Com relação aos dados primários, correspondentes aos alunos, montou-se um questionário dividido entre questões objetivas e subjetivas, tendo sido devidamente aplicado nas turmas A e B do 9º ano do ensino fundamental (turnos manhã e tarde), em dias e horários diferentes, representando um total de 60 alunos. Realizou-se com os alunos o mesmo procedimento feito com os professores, ou seja, antes de aplicar o questionário explicou-se todo o motivo da pesquisa. Para os alunos em questão, a disciplina de Geografia era ministrada nos dias de terça-feira, quinta-feira e sexta-feira.

Considerando as ponderações evidenciadas acima, procura-se saber, de início, o que é a cidade para os alunos. A Tabela 1, nos mostra que os alunos apresentaram uma variedade de respostas a respeito do que eles entendem o que seria cidade.

Tabela 1 - Elementos caracterizadores do que é a cidade, de acordo com os alunos

ELEMENTOS	ALUNOS %
A paisagem que eu vejo	23
Aparência	7
Construções	12
Um lugar bonito	14
Um lugar estranho	2
O lugar das indústrias	7
O contrário do campo	16
O lugar do lazer	5
Outro	14

Fonte: Pesquisa direta, Maio/2013

Pode-se observar, na Tabela 1, que a maioria dos alunos considera a cidade como uma paisagem visível, ou seja, aquilo que se pode ver. Muitas vezes ela não é sentida na sua totalidade, mas é recortada, de tal forma que apenas elementos visivelmente interessantes ao seu foco são observados e registrados.

Isso é revelador da necessidade de nossas novas ações como professores, no sentido de que precisamos estimular os alunos também a lidar com o mundo percebido pelos sentidos, de tal sorte que eles entendam que também fazem parte do mundo, e que o mundo, da mesma forma, faz parte de suas vidas.

Questionou-se também se os alunos observam a cidade quando estão no caminho de sua casa para a escola. Os dados coletados permitem compreender que 81% dos alunos afirmaram que observam, ao contrário dos 19% que afirmaram não praticar esse comportamento de observação.

É de suma importância que os alunos possam observar a sua cidade, sentir, perceber, para que tenham nela a oportunidade de construir realmente o seu mundo, no sentido de apropriarem-se dos rumos das suas vidas, pois para isso precisam se perceber como pessoas e, cotidianamente, perceber e construir os seus espaços. Dessa forma, indagamos aos alunos: os seus professores, especialmente o de Geografia, quando estudam o tema cidade, costumam levar em consideração o que você já sabe sobre esse tema? Organizamos a Tabela 2 para visualizar como os alunos responderam a este questionamento.

Tabela 2 – Respostas dos alunos quanto ao ensino do tema cidade pelos seus professores

ADOÇÃO DO CONHECIMENTO PRÉVIO	ALUNOS %
Sim	23
Não	7
Um pouco	70
Total	100

Fonte: Silva, Maio/2013.

Pela análise da Tabela 2, observa-se que esta questão foi essencial para conhecer as abordagens prévias realizadas pelos professores nas aulas de Geografia referentes ao tema cidade. Fica evidente que os professores não levam em consideração o conhecimento prévio do aluno, pois 77% responderam que isso não ocorre, ou ocorre somente um pouco.

Os professores de Geografia precisam abordar os temas de forma que os alunos participem, contribuam e percebam que aquele conteúdo realmente faz sentido, que faz parte da sua vida, pois o que está sendo estudado está também no seu entorno, favorecendo o entendimento, a compreensão, ao tempo em que possibilita buscar formas alternativas para transformar a realidade, com a participação e a contribuição de todos.

Numa outra etapa da nossa pesquisa, servindo-nos dos instrumentos qualitativos de investigação, solicitou-se aos alunos que descrevessem a sua cidade no dia a dia. Esse procedimento foi de grande valia para os propósitos desta pesquisa, embora alguns alunos tivessem apresentado receio de escrever sobre o que era cidade para eles, essa particularidade nos motivou a explicar que ninguém estava sendo avaliado e, assim, deveriam sentir-se mais à vontade para fazer os seus registros.

As respostas deveriam ser apresentadas segundo a subjetividade de cada aluno, posto que estávamos nos apoiando na ideia de que não existe um conceito acabado para a cidade, e os alunos, de forma consciente ou inconsciente, demonstraram que sabem pensar a cidade do seu modo pessoal.

Como foi afirmado anteriormente, no que se refere à análise das questões, não houve, também para as respostas apresentadas pelos alunos, qualquer modificação ou alteração do aspecto gramatical, dos eventuais problemas no uso da norma culta (acentuação, regência, concordância...), por parte dos alunos, para efeito de clareza.

A seguir, apresenta-se a transcrição de algumas das respostas elaboradas pelos alunos, e que julgamos construtivas para o processo de análise das condições em que se estabelece o processo de ensino e aprendizagem na escola em questão.

Parte dos alunos, cerca de 15%, entende a cidade como sendo a natureza (árvores, relevo, rios), as belezas visíveis de tudo o que é natural. Nesse sentido, elencamos a seguir as representações da cidade para eles:

- “É um lugar com bastante casas e arvores, com varias pessoas indo pro trabalho e para escola”.
- “E uma cidade bem legal, a paisagem é linda, a gente pode aprender junto com o meio ambiente, faz muito calor... etc”!
- “Com casas, com prédios, cheia de árvores, tem praça com bastante árvores, e de noite bem iluminadas. tem dias que o trânsito está ruim. Com lugares de lazer, de passeio.lugares bonitos, tipo: Museu, Centro de artesanato. lugares de lazer: Shoopng, Centro”.

Esta representação da cidade traz à tona o pensamento de uma natureza harmoniosa, bonita e intocável. Assim, o fato de a natureza e, especialmente, a arborização, terem sido percebidas como elementos essenciais na cidade descrita pelos alunos, sem dúvida, significa que as mesmas fazem parte do imaginário cultural dos estudantes.

De acordo com 7% dos alunos entrevistados, a cidade é tudo que é legal, bonito, e com vários estilos:

- “Uma cidade quente, mas às vezes um pouco fria, tem casas de todo o jeito, bonitas, umas simples, outras mais sofisticadas, pessoas com vários estilos e várias outras coisas”.
- “Uma cidade muito quente, mais muito bonita, pessoas de um jeito ou modo e entre outros diferentes. Uma paisagem bem legal, um lugar do lazer as ruas, as praças”.
- “É um lugar grande, bonito, cheio de casas, prédios, pessoas diferentes, transportes, árvores, as escolas, o que eu acho mais diferente são as pessoas [...]”

Tem-se também alguns alunos (20% do total) que acreditam que a cidade é tudo, desde as construções à arborização e pessoas:

- “Bom a cidade que eu observo na minha opinião poderia ser melhor pois o trânsito é enorme, na minha cidade ela tem vários prédios e já em outros bairros apartamentos, quitinetes, casas etc em todos os bairros tem, padarias, farmácias, comércios, e em alguns bairros até fabricas de tecidos”.
- “Bem movimentada apesar de ter diversas partes que são muito tranquilo, muito veículos, casas, prédios e etc. E muitas pessoas”.

- “O que eu observo que a Cidade é um lugar que tem muitas indústrias é um lugar de grandes movimentação com automóveis ônibus, motos, carros, na minha rua é bastante movimentada por carros e motos o que gosto na minha cidade é das praças mas há também outros lugares muito legais. é isso que eu entendi sobre cidade”.

Nesse contexto, a maior porcentagem de alunos (58%) percebe a cidade como um lugar repleto de poluição, cheia de lixo, barulhenta, com muita droga, violenta, desorganizada e injusta, onde reina a desigualdade social.

- “Hoje, o dia ta se perdendo no mundo das drogas hoje as crianças tão roubando com 10,11 anos de idade. Hoje o dia não presta”.

- “Uma cidade violenta, onde várias pessoas passam por cima das leis, começando pelo o prefeito e aos demais que fazem parte de seu grupo... Enfim uma cidade que não é tranquila e tem vários intorpecentes etc...”

- “A cidade que eu vivo é cheia de lixo...”

- “A minha cidade é poluída, muito quente, os rios poluídos, arvores são muito cortadas, poluição com fumaça e etc”.

- “Minha cidade é quente, poluída, barulhenta, uma cidade onde os esgotos são jogados nos rios sem qualquer tratamento”.

- “Eu vejo uma cidade com desigualdade social onde os ricos tem mais privilégios e os pobre não tem investimento em nada”.

Para Carlos (1997, p. 13), “Se pensarmos a discussão sobre a noção de cidade apoiada na sua aparência, esta tem como ponto de partida a construção de uma imagem que as pessoas fazem da cidade”. O que ficou claro nesta etapa da pesquisa é a existência de diferenças de percepção entre os alunos. Desse modo, tivemos a cidade descrita a partir de várias formas de percepção, com muito lixo, buraco, poluída, perigosa, insegura, mas também limpa, com muita árvore, áreas para lazer, muitos carros, prédios, entre outros, foram aspectos observados pelos alunos que vivem na cidade e que, portanto, trazem consigo uma percepção natural do estado da realidade experienciada por eles.

Analisando as respostas dos alunos, percebeu-se que as formas deles verem os espaços vão além do que os olhos conseguem identificar, pois perceber é sentir, é vivenciar, é experimentar. Assim, o ambiente escolar tem de estar em consonância direta com o que se desenvolve no local, isto é, onde se aplica a educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se propôs a analisar os modos como a cidade é percebida pelos alunos e pelos professores do ensino de geografia da EMPARS, desenvolvido com a finalidade de contribuir com as discussões acerca da percepção da cidade, no sentido de obter

uma melhoria da qualidade do trabalho realizado na disciplina de Geografia, no ensino fundamental.

Nesta perspectiva, buscou-se compreender esse processo mediante pressupostos teóricos e epistemológicos da vertente cultural da Geografia, de base fenomenológica, utilizando instrumentos como fotografias, observações *in locu*, entrevistas e aplicação de questionários aos professores atuantes em sala de aula, assim como também questionários aplicados aos estudantes de Geografia do 9º ano do ensino fundamental, na tentativa de conhecer qual seu entendimento em relação à cidade.

Trabalhos como este podem ser desenvolvidos em várias práticas pedagógicas, capacitando cada vez mais o professor, a fim de que passa-se compreender a importância do contexto no qual aluno conhece o espaço vivido. Observar, questionar e pesquisar essa temática junto aos alunos, com a intenção de valorizar suas experiências de vida, com a seriedade que lhe é devida, é de suma importância para o ensino de Geografia. Tanto o educador como o educando precisam ler criticamente a realidade, entender as imagens e seus significados, criticar e rejeitar os segmentos audiovisuais não educativos e descobrir as possibilidades de ser manipulador de imagens educativas, quer no mundo da percepção, quer em outras realidades.

Uma das maiores dificuldades observadas em relação ao trabalho dos professores foi o fato de que há significativas lacunas com relação aos esforços que são feitos com o propósito de dar sentido aos conteúdos de Geografia, e assim proporcionar a atenção e o prazer necessários para a aprendizagem. Durante o tempo de convivência com os alunos e os professores, buscou-se desenvolver atividades destinadas aos discentes com o propósito de estimulá-los a refletir acerca de como percebem a cidade.

Portanto, uma alternativa para que os alunos reflitam melhor sobre estas questões é trabalhar as noções de valores, de ética e de cidadania na escola, propondo mudanças de atitudes na sociedade quanto aos deveres de cada um, na perspectiva de vivência da cidadania. Desta forma, pode-se vislumbrar uma nova geração capaz de fazer uso ético do espaço público, e o advento de um novo sentido de coletividade, que busque a qualidade de vida para si e para sua comunidade.

Por fim, a forma como os seres humanos vêm agindo e reagindo no espaço e no tempo, transformando, melhorando ou destruindo, tomou, além de outras formas de conhecimento, o caminho da percepção.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: papirus, 1995.
- BOCHENSKI, I. M. **A filosofia contemporânea ocidental**. 2. ed. São Paulo: Herder, 1968.
- CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1997.
- CAVALCANTI, L. de S. (Org.) et.al. **Geografia da Cidade: a produção do espaço urbano em Goiânia**. Goiânia: Alternativa, 2001.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. 2. ed. Florianopolis. UFSC. 2001.
- EISMAN, L. B.; BRAVO, P. C.; PINA, F. H. **Métodos de investigación em psicopedagogía**. Madri: McGraw-Hill, 1997.
- FRANCISCHETT, M. N. **A cartografia no ensino da geografia: construindo os caminhos do cotidiano**. Rio de Janeiro: Litteris Kroart. 2002.
- LYNCH, K. **A Imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORAES, A. C. R. **Geografia pequena história critica**. 9. ed. São Paulo: Hucitec,1990.
- OLIVEIRA, L. Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica. **Geografia**. Rio Claro,v. 2, n. 3, p. 62, 1977.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. L.; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SANTAELLA, L. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTANNA, I. M. **Porque Avaliar? Como Avaliar? : critérios e instrumentos**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1994.

TEIXEIRA, S. K.; NOGUEIRA, A. R. B. A Geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo: Humanistas, v. 13, n. 1, p. 239-257, 1999.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo, Difusão Editorial, 1980.

WILCOX, J. **La etnografía com una metodologia y su aplicación al estudio de la escuela**. Madri: Trota, 1993.